



Para Alissa







Estou sempre dividido entre duas crenças: a crença de que a vida deveria ser melhor do que é e a crença de que quando ela parece melhor, na verdade está pior.

GRAMAR GREENE, *Journey without maps*







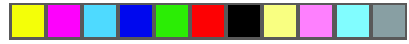
Cara H.

Pensei que você já estivesse morta a esta altura. Certamente não esperava ter notícias suas outra vez. E talvez não tenha: a caligrafia parece familiar, mas provavelmente a falsificação estaria entre as habilidades mais banais de seus novos amigos. Mas eu lhe darei o benefício da dúvida. Uma suposição sem garantias parece ser a forma adequada de lhe prestar uma homenagem.

Você encontrará anexado aquilo que pediu: “Um relato completo e objetivo do período que passamos juntos.” Você me contou que ele não seria lido somente por você, mas, mesmo que fosse, duvido que eu pudesse escrevê-lo de outra forma: não poderia tratá-la por “você” aqui, mesmo que quisesse. E por mais que eu preferisse ficar quieto e ignorar seu pedido, descobri que não podia. Em todo caso, não foi um grande esforço. Estou enfurnado aqui há mais tempo do que passei com você e, ainda que continue abalado (e isso ainda durará algum tempo), seu rosto já está se desvanecendo, e sou grato por isso.

E, no entanto, me preocupo com você. Desejo que tenha uma vida mais longa e feliz do que receio que terá.

Paul.





*Esta é a verdade, sem falseamento,
indubitável e verdadeira.*

Para um jornalista de semanário, especialmente um tão modesto quanto o *Carrier*, o Dia em que o Jornal Sai é um dia de descanso. Eu geralmente chegava no escritório por volta das onze, checava a correspondência, lia todos os artigos que eu não conseguira ler durante a semana, fazia algumas ligações pessoais interurbanas, fingia começar a pensar nas matérias da edição seguinte e ia embora às cinco em ponto. Quando me sentia disposto a trabalhar, organizava as minhas anotações da semana e arrumava um pedaço da minha mesa, mas geralmente deixava para fazer isso quando tinha que terminar um texto e precisava de algum trabalho mecânico para esvaziar a mente. Não que os prazos realmente importassem: Lincoln, Connecticut, como muitas cidades pequenas, se especializara em notícias com prazo de validade longo na prateleira. De qualquer maneira, ninguém perderia o emprego se uma matéria detalhando a controvérsia sobre o mascote do colégio — “O sioux lutador: culturalmente inexpressivo, respeitosamente tradicional ou tradicionalmente respeitoso?” — não ficasse pronta a tempo. Primeiro, porque no ano seguinte o debate recomeçaria, provavelmente no outono, quando os estudantes veteranos quisessem exercitar seus dotes de polemistas



JON FASMAN

antes de entrar na faculdade. Segundo, nós tínhamos um estoque inesgotável de anúncios, publicidade, notas e vinhetas, que podíamos reciclar ou redimensionar se um repórter inexperiente tivesse dificuldades para andar de bicicleta sem as rodinhas.

Isso acontecia comigo cada vez menos. Eu já trabalhava no *Lincoln Carrier* há quase um ano e meio, desde que me graduara na Universidade Wickenden. Eu tinha amigos que conseguiram passar sem sobressaltos pelos cursos de medicina ou direito, e agora estavam empregados em escritórios pomposos ou faziam algum tipo de trabalho em Nova York, como era de esperar. Eu não tinha essa perspectiva, nem queria voltar para Nova York, onde cresci. Na verdade, planejava vagamente terminar a graduação e me estabelecer numa vida calma e solitária como professor de história em algum colégio pitoresco do interior (com um campanário, uma rua principal chamada rua Principal e cinema com marquise), em algum lugar onde eu pudesse envelhecer a partir dos 30 e poucos anos, e viver sem crises nem surpresas, mudando apenas à medida que me aproximasse dos 70 anos que ganharia.

Na verdade eu não tinha pensado em me tornar um jornalista, basicamente porque não sabia como fazê-lo. Escrevi algumas resenhas de livros e discos para o jornal do colégio, com o objetivo principal de ganhar livros e CDs grátis; eu lia ou ouvia alguma coisa, escrevia umas duzentas palavras sobre ela e, uma semana depois, via meu nome impresso acima de um texto ligeiramente parecido com aquilo que eu tinha escrito. Um bico, não uma carreira.

Depois da graduação permaneci no mesmo apartamento em que morei durante o ano: não havia motivos para me mudar. Após um mês naquele verão estagnado, recusei a oferta/ordem de meu pai para trabalhar como estagiário no escritório de um amigo seu em Indianápolis, para onde ele se mudou quando finalmente se separou de minha mãe. Ele fez com que eu me sentisse tão culpado por não ter um emprego que eu fui, pela primeira e única vez, ao Centro de Orientação Profissional de Wickenden. Lá eu respondi um questionário atrás do outro, conversei com psicólogas tagarelas recém-graduadas de suéter e colar de pérolas e sujeitos ociosos com barrigas de cerveja que começavam a aparecer. Os anúncios de emprego que eu via não faziam sentido algum. Os meus favoritos eram os das empresas de



A BIBLIOTECA DO GEÓGRAFO

consultoria: “Você aprenderá a implementar decisões de gerenciamento protocolar estratégico” *et cetera*. Eu tinha medo de me transformar numa espécie de *cyborg* depois de três semanas num lugar desses. Quando voltasse para casa no meu primeiro Dia de Ação de Graças, eu me comunicaria por meio de fitas de computador saindo pela minha boca.

Depois de algumas horas de Orientação Profissional, tive certeza de que viveria uma vida longa, solitária e inútil, morreria sozinho e ninguém sentiria minha falta. (Já mencionei que nunca me dei ao trabalho de preencher formulários de emprego para graduandos?) É autoindulgência, eu sei, mas é isso que acontece com as crianças dotadas mas sobretudo inúteis, criadas por pais que educam seus filhos para se sair bem nos testes, mas que não conseguem equipá-los com as esporas venenosas da verdadeira ambição.

Art Rollen ligou para a Orientação Profissional quando eu estava pronto para voltar para casa e cumprir minha agenda de autocomiseração. Lembro do rosto radiante, quase beatífico, da minha conselheira profissional quando ela pegou no telefone e disse, com crescente excitação:

— Senhor, acho que tenho alguém adequado sentado bem aqui na minha frente. Ele não é do jornal do colégio, mas suas notas, segundo os índices Gibson-Monteneau, sugerem que ele é realmente uma boa escolha.

Ela me deu uma ligeira piscadela e me passou o telefone com uma das mãos, enquanto com a outra fazia um sinal com o polegar para cima. Eu disse alô, e um grunhido arrastado do outro lado da linha disse:

— Bem, me disseram que esses seus índices Gibson-Monteneau são realmente muito bons. Mas eu gostaria de saber: o que eles significam? Você sabe escrever?

Prendi o aparelho contra o peito e, me afastando do entusiasmo de minha orientadora profissional, respondi:

— Bem, para dizer a verdade não sei exatamente o que eles significam. Mas parece que levam esses índices a sério. E, tecnicamente, não pertencço à equipe do jornal da faculdade. Mas escrevi diversas vezes para lá. Suponho que sei escrever corretamente. De onde o senhor está ligando?

— Lincoln, Connecticut, cerca de duas horas a oeste de Wickenden. Dirijo um pequeno semanário aqui, com 16 páginas. O que preciso é de mais uma pessoa para tempo integral, uma espécie de pau-para-toda-obra.



JON FASMAN

Neste exato momento somos somente eu e um colunista, e conseguimos uma captadora de anúncios. A outra pessoa de tempo integral que eu tinha acabou de ir embora, pois conseguiu um emprego em Storrs. Pastagem mais verde, imagino. Ou seja, você faria um pouco de reportagem, de redação, de edição, de pesquisa e um pouco de serviço de escritório. — Pude ouvir o ruído abafado de um cigarro sendo aspirado. — E atender os telefones, mas não mais do que qualquer outro aqui. Nada sofisticado. Nada como um Woodstein. Talvez funcione como uma forma de descobrir se você quer trabalhar em algo assim ou não.

Encolhi os ombros, e então me lembrei que esses gestos não funcionam quando se está ao telefone.

— Parece interessante, com certeza. O senhor quer que eu envie meu currículo?

— Sim, faça isso. Mas, por favor, mande pelo correio. Meu aparelho de fax novo está tendo alguns problemas com o papel, e eu prefiro ver uma cópia real do que algo na tela do computador. Pode fazer isso?

— Claro, sem problemas. Devo ir visitá-lo aí? O senhor quer me entrevistar, ou algo assim?

— Pensei que já estávamos fazendo isso. Por enquanto apenas mande seu material para cá. Meu nome é Art Rollen, aliás. Envie o currículo aos meus cuidados. Com alguns textos seus. Então veremos. Está bem assim?

Estava bem assim, e seis meses depois aqui estava eu, em Lincoln, me arrastando para fora da cama às dez de uma ensolarada manhã de terça-feira. Eu tinha ficado na gráfica até que todos os jornais fossem impressos, às três da madrugada. Art gostava que um de nós ficasse na gráfica até o trabalho terminar, e tecnicamente a tarefa devia ser dividida entre os quatro membros da equipe, mas como eu era o mais jovem e o único solteiro, ela cabia a mim mais da metade das vezes. Na verdade eu não me importava: o trânsito para voltar de New Haven a essa hora era sempre rápido e tranquilo, e eu gostava do cheiro do ar da madrugada. É estranho pensar no que estava acontecendo na adormecida Lincoln naquela noite em particular. Suponho que nunca vou saber com exatidão.



A BIBLIOTECA DO GEÓGRAFO

EU VIVIA NA PARTE COMERCIAL da cidade, chamada Lincoln Station, onde, nos anos 1920, quando o lugar era um vilarejo rural, e não uma periferia de Nova York, trens traziam grãos e alimentos e levavam manteiga, leite e queijo. Por trás das estacas brancas das sebes, delicadas lojinhas cercadas de grama de verdade ocupavam a área da antiga estação de trens. A sede do jornal ficava na parte residencial da cidade, chamada de Lincoln Common, porque (com meu olhar do Brooklyn, eu não podia acreditar nisso quando me mudei para cá) no centro havia um enorme gramado, em frente a uma velha igreja branca de madeira, com um campanário: a Village Common. É claro que o número de pessoas que prestava atenção nisso diminuía a cada ano, na medida em que os nativos de Lincoln morriam, ou vendiam as casas que seus avós tinham construído para advogados e editores de revistas da cidade. Os recém-chegados as destruíam e construíam casas com colunas, e então apareciam três semanas por ano para passear pela cidade em suas pickups*. O Armazém Geral de Manton agora vendia *chèvre*, cinco tipos de azeitonas, o *New York Times*, o *Wall Street Journal* e o *Crain's*. É claro que eu mesmo era um recém-chegado, mas tinha um contrato sem qualquer garantia, nenhuma vida em outra parte e — a mais rara das honrarias — era um amigo dos “locais” (os Rolens). De qualquer forma, por temperamento sou inclinado a falar dos bons (ou pelo menos “melhores”) velhos tempos; sinto-me nostálgico em relação a qualquer época anterior ao meu nascimento.

Quando entrei na redação — um certo exagero feito de autoconfiança para o que era basicamente uma sala ocupada por quatro mesas e quatro computadores — naquela tarde, à uma hora, Art estava em sua mesa, fumando e lendo o *Times*. Dava uma espiada, fumava, virava a página; fumava, dava uma espiada, fumava, virava a página, fumava.

— Aqui está ele — falou, sem sequer levantar os olhos quando fechei a porta atrás de mim. — Radiante e pontual.

Agora ele me olhava por cima de seus óculos de leitura.

A sala cheirava a cigarro e a perfume; Art era o responsável pelo primeiro, mas o último pertencia a Nancy Llewelyn, que vendia espaços publicitários e assegurava, na medida do possível, que o jornal não fosse à falência.

*Em inglês: SUVs.



JON FASMAN

Como Art, ela nascera naquele local, e segundo a sra. Rolen, alimentava uma ligeira e inofensiva paixão por Art desde a sétima série. Eu inspirei de forma ostensiva, e Art riu.

— Ela disse que passou aqui mais cedo para pegar algo para ler nas férias. Pode imaginar? Levar trabalho do *Carrier* para casa? Isso é que é dedicação — ele suspirou, fechou o primeiro caderno e foi para a página de esportes. — Recebi uma ligação do Panda hoje cedo.

— Quem é Panda?

Ele cruzou as mãos por trás da cabeça e olhou pela janela para o lago Massapaug, com o cigarro no canto da boca. Eu adorava o jeito como Art fumava, com uma calma e evidente satisfação, e não a culpa furtiva tão comum entre antigos fumantes, ou o prazer forçado, ruidoso e quase defensivo dos adolescentes e dos fumantes da Califórnia. Ele fumava porque fumava, não para defender uma atitude nem com vergonha, mas porque de alguma maneira aquilo o completava.

Suas grossas sobrancelhas brancas, seus olhos profundos escuros, seu queixo longo e sua barba branca davam ao seu rosto um ar permanentemente melancólico; ele parecia uma mistura de um Humphrey Bogart envelhecido com um Leon Tolstoi perto do fim da vida. Art sempre fora correspondente estrangeiro (Vietnã, Camboja, Paris, Beirute, Jerusalém, editor em Nova York) e, como a maioria dos repórteres veteranos, um cínico; e, como a maioria dos repórteres cínicos, tinha um bom coração e um sentimentalismo da pior, ou da melhor espécie.

Ele atirou os restos do seu cigarro nos restos de sua xícara de café, tirou um cartão profissional do bolso da camisa e o estendeu a mim, por sobre a mesa.

— O Panda. Disse para você ligar para ele. Eu lhe disse o seu nome, então ele já sabe quem você é.

Virei o cartão. VIVEPANANDA SUNATHIPALA. WESTON COUNTY CORNER. NEW WESTON HOSPITAL, NEW WESTON, CONNECTICUT. ficava a 45 minutos dali e era a cidade mais próxima na região. Ergui minha cabeça de forma interrogativa, e Art acenou em resposta.

— Este é o Panda. Seu nome vem do Sri Lanka. E ele também. Velho amigo meu: parceiro de xadrez, parceiro de bebida, parceiro de *bridge*. Sua



A BIBLIOTECA DO GEÓGRAFO

filha e a minha iam juntas para a escola. Suponho que ele viva em New Weston há uns trinta anos. Bem no momento em que eu comecei a xeretar o mundo inteiro, ele se estabeleceu aqui.

Ele se espreguiçou e bocejou, como se o ato de pensar na idade de sua filha o cansasse.

— Alguma informação sobre o motivo da ligação? — perguntei.

Ele puxou o seu *notebook* para perto de si.

— J-A-A-N. Imagino que se pronuncie “Yan”, certo? Certo. Jaan — este nome é um pouco tihoso — P-U-H-A-P-A-E-V. Com tremas sobre o *u* e o segundo *a*. Pronuncie isso como quiser. Ele vivia bem aqui, em Lincoln. Nunca o encontrei, nunca sequer ouvi falar dele. Morreu na noite passada. É mais ou menos tudo que eu sei.

Mas isso não era tudo que *eu* sabia: Pühapäev tinha sido professor no departamento de História em Wickenden. Não me lembrava exatamente o que ele ensinava. Ele sempre me pareceu mais uma peça da mobília do departamento — velho, maltrapilho, desinteressante, inofensivamente discreto — que um professor real que vivesse e respirasse. Art acenou e alisou a barba com as mãos.

— Você pode escrever o obituário para nós? Descobrir o que há para dizer?

— Claro

— O que mais você pegou esta semana?

Peguei o meu *notebook*, e ele o empurrou para longe.

— Não, não, esqueça isso. Apenas faça com que eu me sinta culpado por sobrecarregar você. Isso foi uma piada, aliás. Ouça, na verdade eu não sei por que alguém ligou para o médico-legista. Parece algo incomum. Pode haver algo para dizer. Talvez seja algo picante, algo interessante; talvez seja apenas um obituário comum. O que o qualifica como algo interessante para o nosso jornal, imagino. Mas você vai descobrir o que pode fazer com isso, certo?

— Claro.

Ele apontou para o telefone, e eu liguei para o escritório do legista em New Weston.

— Patologia. Médico-legista-chefe falando. Como posso ajudá-lo? — A voz era firme e direta, com uma cadência militar e um sotaque cantado.

— Estou tentando localizar o sr. Panda.



JON FASMAN

— *Doutor* Sunathipala, por gentileza. Você está falando com ele. Quem é, por favor?

— Senhor, meu nome é Paul Tomm, T-O-M-M, e estou ligando do *Lincoln Carrier*. Art Rolen me disse para telefonar.

Ele riu.

— Art, sim. Ele está bem? Como vai ele?

— Ele está bem e vai bem.

— Sim, sim. Você está ligando, eu suponho, por causa do homem morto aqui, o senhor... — Ouvi o ruído de papéis sendo folheados. — Sr. Pühapäev, certo?

— Sim, isso mesmo. Eu só queria...

— Ainda não tenho nada para dizer a você, receio. Cheguei cedo para tratar de outros assuntos e ainda não posso afirmar nada sobre o senhor Pühapäev. Aguarde um momento, que estou me dirigindo à sala de exames agora mesmo. — Ouvi uma porta se abrir e fechar, e depois passos.

— Sim, aqui está. A sala inteira para ele. Vejo que chegou muito recentemente. Estou olhando para ele neste exato momento, e parece ter morrido há pouco tempo. Um homem velho, nos traços e no corpo. Um homem velho. — Ouvi o som de algo sendo rasgado, e preferi não pensar no que seria. — Fumante. Barba e bigode amarelados ao redor da boca. Sinais muito gerais de cansaço e agitação. Isso poderia ser compatível com... bem, com praticamente qualquer coisa, receio ter que dizer. Compatível, no mínimo, com ter vivido por tempo suficiente para ter uma barba branca amarelada.

Ouvi o ruído de uma porta batendo, e sua voz pareceu distante, como se ele tivesse voltado a atenção para trás do aparelho.

— Pois é, senhor Tomm, não tenho nada a dizer ou relatar no momento, exceto que se tratava de um fumante. Péssimo hábito, o fumo. Péssimo, mas prazeroso. Seu amigo Art que o diga. No final, porém, com cigarro ou sem, com uísque ou sem, “Tal como os limpadores de chaminés, também os meninos e meninas nascidos em berço de ouro vão se transformar em pó”. Você deve conhecer isso, a não ser que seja do tipo que prefere televisão e romances policiais.

Fechei os olhos. Eu conhecia aqueles versos. Eu *sabia* que conhecia aqueles versos.



A BIBLIOTECA DO GEÓGRAFO

— Shakespeare.

— Sim, é claro, um grande bravo para você, Shakespeare. Mas *qual* Shakespeare? — Da última fase, provavelmente — tentei adivinhar. Tinha uma chance em seis:

— *Cimbelino*?

— Sim, excelente, impressionante mesmo. É claro que pude perceber a hesitação em sua voz, mas vale lembrar Martin Luther: “Transgrida com coragem.” Melhor adivinhar em voz alta que em silêncio. Bem, senhor Tomm, especialista em Shakespeare, eu adoraria debater pelo telefone poesia o dia inteiro com um repórter culto, mas os mortos me aguardam. Minha própria plateia. Pode ligar de novo mais tarde, ou talvez amanhã de manhã. Realmente espero já tê-lo descartado. Até logo, e boa sorte.

— Nenhuma informação ainda — eu disse a Art.

— Em todos esses anos, desde que conheço o Panda, ele sempre teve algo a dizer. — Art disse, rindo. — Você vai voltar a ligar?

— Esta tarde, ou amanhã. Ele disse que terá algo, então.

— Então, o que vai fazer agora?

— Agora? Bem... Onde ele mora? Digo, onde ele *morava*?

— Assim que se fala. Eis aqui o endereço. — Art me passou uma folha de papel. — Bem, só uma coisa para levar em conta: você pode querer dar um pulo em Wickenden. Que horas são, já é meio-dia? Talvez seja melhor ir esta tarde, você parece gostar de dirigir depressa. Talvez amanhã. Apenas para checar se algum de seus antigos companheiros tem alguma história para contar sobre ele. Desde que tenhamos tempo — e nós temos tempo — por que não fazer as coisas direito?

EU NUNCA TINHA VISTO a casa de Pühapäev porque, durante o tempo em que vivi em Lincoln, nunca reparei naquela rua. Galhos de salgueiro pendentes e carvalhos corpulentos escondiam o desvio. Mesmo agora, com as folhas mais escassas e caídas, eu quase confundi a rua com um acesso de garagem. Ela era quase estreita demais para um único carro, embora se alargasse um pouco quando acabava, sem cerimônia, num terreno cheio de



JON FASMAN

arbustos espinhosos e lixo. Em frente uma à outra, perto da curva da estrada principal, duas casas de pedra idênticas, com portais azul-acinzentados e alpendres laterais, pareciam sentinelas em silenciosa comunicação. Numa rua diferente, ou num dia diferente, o efeito teria sido precioso; aqui ele era perturbador, principalmente porque saía uma fumaça rosa das duas chaminés, mas não se viam luzes em nenhuma das duas casas.

A casa seguinte, à esquerda, era uma casa grande, estranha, revestida com tábuas de madeira amarelada; parecia ter sido transportada de avião de Rockport ou Gloucester. Em frente ficava a número quatro, a casa de Pühapäev: baixa e marrom, com madeira visível e pedaços de reboco caindo. Ficava no centro de um pátio com um gramado abandonado, cheio de lama e galhos. No pequeno alpendre frontal, via-se um balanço com alguns restos de tinta cor-de-rosa sem uma de suas correntes; ele pendia para um lado, e caía sobre a varanda como uma velha senhora, cansada demais para se mexer.

Estacionei numa vaga atrás de um carro da polícia de Lincoln — na verdade o único carro da polícia local. Quando caminhava em direção à casa, vi a cortina de uma janela superior ser puxada. Bati na porta de entrada, aberta, da casa de Pühapäev, depois perguntei se havia alguém em casa, e atravessei a soleira.

— Jesus amado! — disse uma voz exasperada. — Isto aqui não é um museu, é uma casa particular!

— É também a cena de um crime? — perguntei, voltando um passo atrás e enviando o meu pescoço pela porta.

— Isso é da sua conta? Você é um turista ou está procurando uma casa para comprar?

Um policial atarracado, que parecia uma salsicha dentro de seu uniforme, entrou no meu campo de visão, com seu quepe debaixo do braço e um bloco de anotações na outra mão. Ele tinha um bigode engraçado, que parecia uma lagarta adormecida, pousada sobre seu lábio, e vários fios de cabelo ruivo estrategicamente penteados para esconder sua calvície. Eu já o tinha visto antes, mas nunca fomos apresentados: meu pai me aconselhava a sempre manter distância de tiras de cidades pequenas, e como resultado eu nunca recebi sequer uma multa de trânsito em Lincoln. Eu geralmente o via



A BIBLIOTECA DO GEÓGRAFO

ao lado de um colega, um sujeito franzino que parecia sempre prestes a dissolver-se no ar. Se Art alguma vez me disse seu nome, eu já tinha esquecido.

— Quem é você? — ele perguntou.

— Sou um repórter do *Carrier*. Meu nome é Paul. — Estendi a minha mão, e ele a apertou em silêncio, sem modificar sua expressão nem sua postura, como se não tivesse qualquer interesse ou controle sobre o que estava apertando.

— Bert — respondeu de forma apática.

— Achou algo interessante aqui?

— Apenas buscando sinais de um roubo. Até agora nada, exceto um monte de lixo.

Ele olhou para trás por cima do ombro e eu dei uma espiada. O que vi foi uma sala enorme, que mal conseguia resistir à força da entropia. Num dos cantos havia um piano de cauda, e sobre ele, pilhas de livros e jornais. Do outro lado da sala havia uma mesa baixa, cheia de cinzeiros sujos, pratos manchados de ketchup (minha esperança era que fosse ketchup), ossos de frango espalhados e tigelas com camadas de comida seca e talheres espetados. Um sofá manchado completava o quadro. A desarrumação típica da casa de um solteirão solitário. Havia um cheiro adocicado ali: uma mistura de cigarro, gordura, poeira e velhice.

— Não faço ideia de como descobrir se alguém mexeu em alguma coisa.

— Pode me dizer onde o encontrou?

Bert suspirou e revirou os olhos, como se eu tivesse lhe pedido para lavar as janelas, e então apontou para o sofá.

— Ali. Deitado, como se estivesse descansando. Parecia em paz. Apos-tou meu dinheiro num ataque cardíaco. Mesmo assim recebi o chamado da polícia estadual, porque no meio da noite, alguém que estava preocupado com ele ligou, ou coisa parecida. Tive que verificar. Em todo caso, estamos terminando aqui. Certo, Al?

Seu colega, com aquela cara inexpressiva de funeral — Al, eu supus — desceu as escadas.

— Acho que sim — Al disse, numa voz tão neutra e pacífica que ele parecia resignado com a sua inutilidade mesmo antes que as palavras saíssem de sua boca. — Se você está pronto, podemos ir.



JON FASMAN

— Sim, vamos parar por aqui. Não há nada aqui para os jornais, certo?
— Bert me lançou um olhar sombrio, depois mirou seu colega, que estava de costas para nós, observando um relógio enorme na parede ao fundo.

— Nada ainda — disse Al. — Não há como saber se está faltando alguma coisa, porque imagino que ele morasse sozinho, mas nada parece ter sido quebrado. Ele era um bagunceiro, e não existe lei contra isso. Mas venha dar uma olhada numa coisa. — Provavelmente ele estava falando com Bert, mas também me considerei convidado.

Al olhava em direção a um relógio velho. Ele tinha dois pêndulos dourados na peça de madeira, e sua face era decorada com padrões geométricos entrelaçados. Os ponteiros estavam parados, marcando 10h25, e as pontas dos pêndulos estavam empoeiradas: o relógio não devia funcionar há tempos.

— Bert, você lembra que vovô Per tinha um relógio assim? Aquela velharia de dar corda, no quarto de dormir?

— Não lembro — respondeu Bert, curto e grosso.

Eu me esgueirei tão lentamente quanto possível ao longo do saguão que dava para a porta de entrada, por trás de uma estante abarrotada de livros, no meio da qual havia um compartimento com porta de vidro. Ele estava fechado e vazio. Dentro, havia quinze caixas de madeira trançada, três em cada uma das cinco prateleiras. Não estava claro se Pühapäev tinha tirado alguma coisa de cima delas. Decidi não chamar a atenção dos policiais para o compartimento, ainda não sei bem por quê. Teimosia, talvez. Por que você chuta uma pedra na calçada, em vez de deixá-la quieta? Algo a respeito daquele compartimento, porém, um compartimento com porta de vidro sem nada para mostrar, o único pedaço de espaço vazio na casa inteira — aquilo me deixou intrigado.

— Vamos, Al, estou faminto — disse Bert, chacoalhando seu chaveiro enquanto caminhava em direção à porta. — Vamos comer uns ovos fritos no Vinchy's e conversar a respeito. Eu pago. — Ele colocou sua mão nas minhas costas e me empurrou, gentilmente mas com firmeza, para fora da casa. — Se soubermos de alguma coisa, ligamos para você. Certo, Al? Por ora, saia na frente, para que possamos trancar a casa depois que você se for.